

FACULDADES IPPEO
INSTITUTO DE CULTURA HINDU NARADEVA SHALA

EVANDRO OLIVEIRA SOUZA NETO

SOFRIMENTO NO DISCERNIMENTO

SÃO PAULO

2020

EVANDRO OLIVEIRA SOUZA NETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Paranaense de Pesquisas e Ensino em Odontologia e ao Instituto de Cultura Hindu Naradeva Shala, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Yoga, sob orientação da Prof^a Dr^a Sabrina Alves.

SÃO PAULO

2020

FACULDADES IPPEO
INSTITUTO DE CULTURA HINDU NARADEVA SHALA

SOFRIMENTO NO DISCERNIMENTO

EVANDRO OLIVEIRA SOUZA NETO¹

¹ Bacharel em Ciência da Computação / FI IPEP- SP e praticante de yoga

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos, em especial minha esposa e minha filha, ouvintes e interlocutores sempre dispostos a participar das eloquentes explorações filosóficas nos instantes mais cotidianos, à mesa do café, no final de um almoço, se tornando assim meus primeiros alunos e professores. Estímulo e fonte de imenso crescimento pessoal.

A todos os bons professores de Yoga pelo meu caminho, com destaque à professora Marilene Lara e o professor Sérgio Carvalho, mestres na melhor acepção da palavra, demonstrando com toda propriedade e através do exemplo o que realmente importa no aprimoramento de nossa existência, sem nunca desejar qualquer menção ou mérito, apesar de sua significativa contribuição. Inspiração para o contínuo aprimoramento.

Também sou grato a todos os amigos de classe do curso de formação, cuja turma com sua multiplicidade de origens e perfis permite descobrir como os caminhos se manifestam de muitas maneiras, mas a integração do Yoga, o objetivo maior é o mesmo. Expandir a visão amplia sua experiência e seu ser.

RESUMO

O alinhamento de nossos anseios às ideias preconizadas por uma filosofia, por uma prática como o Yoga, é fator determinante em nossa realização ou, ao menos, em nossa persistência na busca naquele caminho e elemento para questionamento de nossas escolhas e de nossa própria definição como seres a explorar determinado plano de existência.

No presente trabalho busquei respostas ao meu questionamento, e de meus colegas de turma de formação, a respeito de um sutra presente nos Yoga Suttas de Patañjali que conecta a obtenção de discernimento ao sofrimento, sugerindo casualidade entre ambos.

Através da exploração de algumas interpretações do texto clássico, publicadas em livros ou artigos acadêmicos, procurei obter indícios, consistências ou divergências entre eles, que permitam compreender melhor as relações deste dois conceitos, seus reflexos na adoção das escolhas desta escola e no desenvolvimento de nosso caminho pessoal.

Palavras-chave: yoga, sutras, sofrimento, discernimento

ABSTRACT

The alignment of our desires with the ideas advocated by a philosophy, by a practice like Yoga, is a determining factor in our fulfillment or, at least, in our persistence in the search for that path and element for questioning our choices and our own definition as beings exploring a certain plane of existence.

In the present work I sought answers to my questioning, and that of my classmates, about a sutra present in the Yoga Sutras of Patañjali that connects the achievement of discrimination to pain, suggesting casualty between both.

Through the exploration of some interpretations of this classic text, published in books or academic articles, I tried to obtain indications, consistencies or divergences between them, which allow a better understanding of the relations of these two concepts, their reflexes in the adoption of the choices of this school and in the development of our personal path.

Keywords: yoga, sutras, pain, discrimination

ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ।

om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho veio à luz em uma aula de nosso curso de especialização, enquanto estudávamos os Yoga Sutras. Durante o estudo da escritura chegamos ao sutra 2.15, onde lê-se a frase que diz “*tudo é sofrimento para quem tem discernimento*”. Se a busca no caminho do Yoga pretende algum tipo de libertação, como é possível com a iluminação alguém encontrar-se em situação de sofrimento?

A frase perturbou a mim e muitos dos colegas de turma, pois parece inconsistente com a busca de discernimento, afinal nossa percepção sugere que tal busca deveria resultar em alívio da dor e não o contrário.

Acaso poderia ser apenas uma impressão pessoal, mas a referência é explícita no texto do Bhagavad Gita, no capítulo 6, verso 17, onde se lê:

Para a pessoa que se alimenta, descansa e trabalha de maneira regulada e mantém horários regulares na medida adequada, a prática de yoga dissipa todos os sofrimentos. (MAHARAJ, 2017, pg. 110)

Alguns versos à frente (21-22), reforçando ainda mais a perspectiva do caminho para o praticante do Yoga, localizei o seguinte trecho:

O yogī permanece satisfeito apenas no Senhor, percebendo diretamente a Superalma através de sua consciência purificada. Em sua iluminação espiritual, ele saboreia a felicidade transcendental e eterna. Ele nunca se desvia da realidade. Considera que não existe ganho maior neste mundo. Não é perturbado sequer pelo pior dos sofrimentos. Saiba que a obtenção desse estado, no qual toda associação com a infelicidade é eliminada, recebe o nome de yoga. (MAHARAJ, 2017, pg. 112)

Mesmo em outro âmbito, na perspectiva do professor B. K. S. Iyengar, identifiquei a promessa de horizontes semelhantes como resultado para aqueles que se dedicam à prática:

Quem segue o caminho do Yoga é um iogue, ou ioguin.
No sexto capítulo do Bhagavad-Gita, que é a mais importante fonte autorizada da filosofia iogue, Sri Krishna explica a Arjuna o significado do Yoga como uma libertação do contato com a dor e a tristeza:

“Quando sua mente, intelecto e ego (ahamkara) estão sob controle, livres do desejo incansável, de modo a descansar no espírito interior, um homem torna-se um iukta – o que está em comunhão com Deus. Uma lâmpada não tremula num lugar onde não sopra o vento; o mesmo acontece com um iogue, que controla sua mente, intelecto e ego, absorvido em seu espírito interior. Quando a inquietude da mente, do intelecto e do ego é imobilizada pela prática do ioga, o iogue, por meio da graça do espírito que está dentro dele mesmo, encontra a realização. Então ele conhece a alegria eterna que está além da paliçada dos sentidos, que sua razão não pode alcançar. Ele se conforma com a realidade

e não foge a ela. Descobriu o tesouro que está acima de todos. Não há nada mais elevado que isso. Quem o atingiu não será abalado pela mais intensa dor. Esse é o significado real do Yoga – uma libertação do contato com a dor e a tristeza.” (IYENGAR, 2002, pg. 17-18)

Nossa leitura em aula era realizada sobre uma tradução produzida por nossa professora, sendo então as referências e apoios pautados na sua experiência pessoal. Apesar do tempo e atenção dedicados naquele momento para dirimir dúvidas, ainda senti a necessidade de buscar mais elementos e outras visões que discutam tal afirmação feita nos textos ancestrais, pesquisa que não condizia com a carga horária disponível naquele contexto de curso.

Aqueles que buscam uma prática, que adotam alguma filosofia, almejam realizar ou satisfazer algo, identificam em suas escolhas compatibilidade com seus anseios, com seu perfil e sua dedicação. A aderência a sua escolha estará condicionada ao alcance de suas metas, à sua realização individual.

Entender os fundamentos preconizados no Yoga, suas propostas e caminhos, permite compreender melhor a adequação do praticante aos seus preceitos, ou ao menos deixar claros os desafios.

Os Yoga Sutras em todo seu conjunto representam a concretização desta prática, um caminho definido, cada sutra registrado revela os termos do compromisso de quem o adota. Desta forma, a análise mesmo de uma amostra, que parece contrastar com as expectativas de seus praticantes, poderá aprofundar sua compreensão.

2. O CAMINHO NA BUSCA DE RESPOSTA

O presente trabalho se caracteriza por revisão bibliográfica que busca comparar diferentes traduções dos Yoga Sutras de Patañjali para elucidar o significado do sutra que destaca a relação entre discernimento e sofrimento.

As traduções influenciadas por suas origens e objetivos provêm visões em ângulos distintos sobre o tema, possibilitando através de suas concordâncias ou contrastes identificar possíveis entendimentos ou soluções para o conflito inicialmente identificado.

Utilizei no estudo dissertações e livros que tratam sobre o texto em questão e, complementarmente outros materiais similares que auxiliam no detalhamento de conceitos e direcionamentos inerentes a filosofia e prática do Yoga.

Sobre os Yoga Sutras localizei 4 fontes que traduzem e discutem o texto e seus significados:

- *Os Yoga Sutras de Patanjali*, de Carlos Eduardo G. Barbosa: única tradução do texto diretamente do sânscrito para o português. O prof. Barbosa é um dos raros tradutores dos Yoga Sutras que possui tanto o conhecimento em profundidade do sânscrito quanto um conhecimento amplo da tradição do Yoga;
- *O yoga que conduz à plenitude*, de Gloria Arieira: tradução comentada do texto milenar à luz de Vedanta;
- *Luz sobre os Yoga Sutras de Patanjali*, de B. K. S. Iyengar: interpretação do texto ancestral por um dos principais professores do Yoga contemporâneo;
- *O Yogasūtra, de Patanjāli*, de Lilian Cristina Gulmini: tese de mestrado da FFLCH – USP, é uma tradução e análise do texto, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos.

Para referenciar os fundamentos da filosofia da prática e discutir suas perspectivas, inclusive as envolvidas no sutra tema, utilizei o livro *Yoga, imortalidade e liberdade*, de Mircea Eliade. O autor é historiador das religiões do mundo. Familiarizado com o universo dos símbolos, mitos e ritos, procura sistematicamente a aproximação das filosofias orientais e ocidentais.

Não poderia deixar de referenciar ao texto principal da filosofia, o Srimad Bhagavad Gita, para ilustrar os princípios que guiam a busca do praticante em sua jornada.

Com a intenção de entender mais fundamentos do Yoga e suas relações com os Yoga Sutras localizei o trabalho *O Yoga do eterno retorno*, dissertação de mestrado de Tomaz Pedrosa de Tassis (UMFG). O trabalho expõe os fundamentos da doutrina, baseado no texto milenar e na análise de autores contemporâneos, bem como se aprofunda em técnicas e motivações da prática.

Encontrei também o trabalho *Um modo de viver: a ética e a moral do Yoga*, dissertação de mestrado de Júlia Ceconi Foletto (UFRGS) que investiga aspectos morais e éticos do yoga à luz da psicologia do desenvolvimento moral. No trabalho são discutidos os fundamentos instituídos por Patañjali, além de ser feita uma pesquisa das influências destes preceitos num grupo de indivíduos.

Pretendo com o trabalho apresentar informações e referências relevantes para auxiliar na compreensão, e possível dirimção de dúvida, sobre o alerta existente no sutra, bem como produzir orientação para quem inicia o caminho na busca.

Sendo assim, o caminho que pretendi percorrer foi apresentar os Yoga Sutras, sua estrutura e em qual fração dele a frase está situada. Considerando esse contexto, apresentei como cada fonte interpreta o trecho em questão e quais elementos oferecem como apoio à sua compreensão. Por fim, busquei identificar concordâncias ou dissonâncias nestas visões e, quando possível, eventualmente apontei direções para maior aprofundamento.

3. O IDEAL DE LIBERTAÇÃO

A imagem de ferramenta de libertação das aflições da existência material associada à prática de Yoga se apresenta em textos referenciados da filosofia, como na tradução analisada de Iyengar, quando descrevendo o método ele afirma logo nas páginas iniciais:

Sādhana é um meio metódico, sequencial, de atingir os objetivos do sādhanika na vida. Os objetivos do sādhanika são: dever correto (dharma), propósito correto e recursos justos (artha), inclinações corretas (kāma) e libertação última ou emancipação (mokṣa). (IYENGAR, 2002, pg. 5)

Assim, para o praticante que busca a orientação das metas, dos objetivos, a libertação é instruída desde o início e constitui nosso arcabouço de expectativas para o esforço desempenhado.

Confirmando essa perspectiva, Eliade define em seu estudo sobre a filosofia que a ideia de libertação permeia não só o Yoga, mas toda cultura e o sistema de pensamento indiano:

“Libertar-se” do sofrimento é a finalidade de todas as filosofias e de todas as místicas indianas. Quer se obtenha essa libertação diretamente pelo “conhecimento”, segundo ensinam, por exemplo, o Vedanta e o Sankhya, ou por meio de técnicas, tal como afirmam, a par do Yoga, a maioria das escolas budistas, o fato é que nenhuma ciência tem valor se não tiver por finalidade a “salvação” do homem. (ELIADE, 2012, pg. 26)

O autor inicia sua condução do estudo partindo do que ele nomeia de “equação do-existência”, justamente apontando sua atenção para o sutra 2.15, desenvolvendo assim

os passos iniciais para descortinar a destacada inconsistência entre o caminho de libertação e o desafio da sujeição à dor.

Importante notar que ele considera que mesmo com o peso desta condição, isso não significava a derrocada para um caminho de pessimismo, mas serve como combustível para impulsionar o buscador no enfrentamento do desafio, fazendo da experiência do sofrimento parte do processo para a conquista do objetivo maior:

Contudo, essa dor universal não termina em uma “filosofia pessimista”. Nenhuma filosofia, nenhuma “gnose” indiana desemboca no desespero. Pelo contrário, a revelação da “dor” como lei da existência pode ser considerada como a *conditio sie quan non* da libertação. (ELIADE, 2012, pg. 25)

Ou seja, sofrer será necessário, mas passageiro, apesar das forças presentes serem extremas e condicionantes, e exigir o atingimento de estados supremos de aprimoramento para sua superação, além de ser preciso destacar o contexto metafísico desta vivência. A boa notícia é que cada um tem a possibilidade de alcançar a meta:

Assim, se a condição humana é votada à dor eterna enquanto determinada, como toda condição, pelo *karman*, cada indivíduo que partilha dessa condição pode ultrapassá-la, pois cada um pode anular as forças kármicas que a *dirigem*. (ELIADE, 2017, pg. 26)

A menção do sutra de nosso estudo foi feita isoladamente, sem as relações com o contexto em que a frase está inserida, fato relevante para tal estilo de registro, característica que será detalhada logo abaixo quando apresentarei os Yoga Sutras.

Se a libertação é possível, como ela pode se dar, ou em que âmbito pode ocorrer, permitindo assim o encerramento da inevitabilidade do sofrimento? Eliade define o momento e o âmbito quando analisa a concepção desta libertação pelas escolas filosóficas originárias:

O sofrimento se extingue desde que compreendamos que ele é exterior ao espírito, que ele não diz respeito senão à “personalidade” humana (*asmita*). Imaginemos a vida de um “liberto”. Ele continuará a agir, porque as potências das existências anteriores e também as de sua própria existência, antes do “despertar”, exigem atualizar-se e consumir-se conforme a lei *kármica*. (ELIADE, 2017, pg. 42)

O “liberto em vida” não usufrui mais de uma consciência pessoal, isto é, alimentada por sua própria história, mas de uma consciência de testemunha, que consiste em lucidez e espontaneidade puras. (ELIADE, 2017, pg. 298)

Também localizei uma definição do sistema de Yoga que corrobora a visão de libertação. Em seu trabalho que trata dos conceitos de tempo e eternidade na tradição do

Yoga Clássico, bem como das relações da existência no mundo material com os aspectos do sofrimento, o autor nos escreve que “os YS atestam ser um manual (anuśāsana)⁸ para aqueles que anseiam transcender a vida terrena e o sofrimento que lhe é inerente (duḥkha).” (TASSIS, 2018, pg. 18).

Com algumas origens da percepção da possibilidade de libertação identificadas, se faz necessário adentrar os Yoga Sutras para localizar elementos que corroborem esta expectativa, conciliem suas visões, ou então demonstrem o equívoco destas afirmações encontradas.

4. OS YOGA SUTRAS

Os Yoga Sutras, compêndio sobre yoga atribuído ao sábio Patañjali, registra os princípios da prática, sem se apresentar como um manual, detalhando métodos e execuções, mas delineando objetivos, perspectivas, definindo assim um caminho para o exercício cotidiano desta filosofia milenar.

Registrado em sânscrito, era representado através de sutras que permitiam na antiga tradução oral sua memorização mais fiel e facilitada. A raiz da palavra sutra está associada a costura, sendo então como frases ou ideias costuradas formando “um tecido” do conhecimento descrito.

Sendo assim, devemos cuidar para não considera-los como simples aforismos, maneira como comumente são descritos, pois bem nos alerta Barbosa, estes últimos são sentenças breves e conceituosas, máximas, provérbios. Já os sutras são bem caracterizados pelo autor como segue:

Muitos estudiosos chamam os Sutras de “Aforismos de Patanjali”. No entanto, o aforismo é uma sentença que resume um ensinamento por si mesmo, sem a necessidade do apoio de outras sentenças.

O caráter encadeado dos Sutras, porém, que torna cada frase totalmente dependente das anteriores, afasta a possibilidade de atribuímos um caráter aforismático a este texto doutrinário do Yoga. (BARBOSA, 2015, pg. 32)

Desta forma, devemos localizar o contexto da sentença tema deste trabalho, procurando delimitar o trecho suficiente para ilustrar a compreensão do conceito discutido. Tal localização precisa situar inclusive em que parte se faz presente tal trecho e qual sua participação no desenvolvimento da lógica apresentada.

Organizado em quatro capítulos, o texto busca construir o caminho para regular a prática, organizando seus princípios de maneira construtiva, encadeando

gradativamente o desenvolvimento de seus conceitos. As partes (ou padas) mencionadas são Samadhi, Sadhana, Vibhuti e Kaivalyam.

Na descrição destas partes componentes já encontrei distinções no enfoque dado por cada tradutor, ou mesmo no destaque para apresentar o objetivo de cada seção, situação esperada haja visto suas origens heterogêneas e certamente suas vivências particulares.

Arieira nomeia os capítulos intitulados como *O Objetivo, O Meio, As Conquistas e A Liberação*, respectivamente, explanando no início de cada qual as linhas gerais que conduzirão a narrativa, para só então apresentar cada sutra com sua tradução, ilustrada por comentários.

Da mesma forma, Gulmini nomeia as partes de acordo com sua concepção, dando-lhes os nomes *Sobre a Integração, Sobre os Meios de Realização, Sobre os Poderes Envolvidos e Sobre o Isolamento absoluto*, respectivamente, também utilizando o início de cada seção para apresentar o conteúdo intitulado.

Já no texto de Barbosa ele utiliza as seções introdutórias para descrever as partes componentes dos Yoga Sutras na página 32 do seu livro, fazendo uso de alguns parágrafos que sintetizam o conteúdo de cada parte, sem utilizar uma nomeação própria para cada capítulo.

Por fim, Iyengar escreveu quatro capítulos introdutórios para contextualizar cada seção do texto original, para posteriormente, em outros quatro capítulos apresentar os sutras e as respectivas traduções com os comentários adicionais, ilustrando e aprofundando o entendimento sobre as ideias registradas ali.

Seja pela escolha dos títulos, ou pela forma como descrevem as seções abordadas, podemos notar o enfoque diferente concedido por cada autor, apesar de versarem sobre o mesmo tema, em alguns casos de maneira mais prática, em outros estendendo visões de suas tradições filosóficas ou religiosas.

Por exemplo, as respeito da terceira parte, Arieira escreve:

Os capítulos 3 e 4 são herméticos, difíceis de serem entendidos. As traduções e explicações aqui apresentadas são uma tentativa de conectar esses sutras à tradição de Advaita Vedanta.

No terceiro capítulo, Sri Patanjali trata dos três últimos angas, ou membros, do Yoga. Dharana, a concentração, dhyana, a meditação, e samadhi, a absorção, são conjuntamente chamados de samyama. Os três constituem o processo natural de meditação, que deve ser seguido diariamente como uma das práticas essenciais de uma vida de Yoga. (ARIEIRA, 2017, pg. 169)

Por outro lado, Barbosa trata de maneira mais sucinta a descrição, colocando de maneira prática e direta o que aguarda o leitor:

Os três últimos componentes do Yoga, que constituem a meditação do Yoga (Samyama), são descritos no início do terceiro capítulo e tratam essencialmente da transformação da mente pela prática da meditação e dos resultados que se pode obter com ela. No fim deste capítulo, há uma reflexão sobre o discernimento que permite distinguir entre o essencial e o espiritual. (BARBOSA, 2015, pg. 32-33)

Ainda assim, é possível perceber que se tratam de análises do mesmo conteúdo, afinal as quatro principais fontes deste trabalho se compõem de traduções do mesmo texto em sânscrito, oriundas de origem e influências distintas, mas sempre respeitando as mesmas divisões e organização da obra original.

No caso de nosso trabalho o sutra está contido no segundo capítulo do texto, Sadhana Pada. A palavra que intitula o capítulo já ilustra os objetivos das ideias contidas ali, afinal para todo yogi sadhana representa sua prática diária, bem como um processo pessoal, ou seja, Patañjali propõe as primeiras ferramentas para deixarmos as aflições e alcançarmos o estado de samadhi, introduzido no primeiro capítulo.

Composto por 55 sutras, o capítulo alvo inicia com os 11 primeiros descrevendo o que é o estado de samadhi e quais são as perturbações / aflições que podem nos acometer, com suas devidas causas, concluindo com a apresentação da solução, a meditação.

Nos 4 seguintes, onde se inclui o sutra tema deste trabalho, são relatadas as fontes deste ciclo, com as constatações de suas relações com o processo. Esse é o conjunto do qual deveremos realizar a comparação para tentar elucidar mais o sentido do último sutra deste conjunto. O trecho referido, no original em sânscrito, é transcrito em IAST, como segue:

12 kleśamūlaḥ karmāśayaḥ dr̥ṣṭa adr̥ṣṭa janma vedanīyaḥ
13 satī mūle tadvipākāḥ jāti āyuh bhogaḥ
14 te hlāda paritāpa phalāḥ puṇya apuṇya hetuvāt
15 pariṇāma tāpa saṃskāra duḥkhaiḥ guṇavṛtti virodhāt ca duḥkham eva sarvaṃ
vivekinaḥ
(IYENGAR, 2015, pg. 149)

Os próximos 14 sutras relatam do que devemos nos prevenir e as causas e consequências para cada aflição. Finalmente, nos últimos 26 sutras as práticas mais externas do Yoga se apresentam como parte da solução, colocadas em um arranjo bem definido que cria uma estrutura sólida para o enfrentamento do desafio da existência.

5. TRADUÇÃO DE CARLOS EDUARDO G. BARBOSA

Em seu texto, Barbosa apresenta a seguinte tradução para os sutras estudados:

12. O recipiente do karma é a raiz das perturbações e deve ser percebido como a origem do visível e do invisível.

13. Nessa raiz da realidade, o amadurecimento é nascimento, duração da vida e desfrute.

14. Ele são os frutos do prazer, ou do arrependimento, conforme provenham das ações virtuosas ou das ações viciosas.

15. Também por causa do conflito das atividades dos gunas com as transformações naturais, com a purificação, com os costumes e com o sofrimento, tudo é sofrimento para quem tem discernimento.

(BARBOSA, 2015, pg. 83-85)

Adicionalmente, o autor inclui alguns complementos textuais (não reproduzidos acima) para aprimorar a compreensão sobre seus significados. Porém ele pouco desenvolve sobre a questão do sofrimento, assim como o texto original, apenas permitindo notar que a afirmação decorre como consequência de outros fatores.

Devo destacar a nota feita por Barbosa para explicitar a palavra original traduzida como discernimento, bem como o sentido aplicado a ela no contexto da obra:

Sutra II, 15 Viveka é o discernimento que nos permite distinguir objetos e conceitos que tenham naturezas diferentes. O discernimento, no entanto, pode nos levar a uma visão pessimista acerca do mundo. O otimismo de Patanjali nos orienta a procurar o modo de vida que destrói o sofrimento. (BARBOSA, 2015, pg. 85)

Observei assim que o discernimento interpretado aqui se contextualiza em algo bem específico. Além disso, o condicionamento ao sofrimento é colocado de maneira opcional, afinal ele *“pode nos levar a uma visão pessimista”*, o que não necessariamente é algo determinante.

Porém, não identifiquei o mesmo detalhamento no texto para o significado de sofrimento, ou suas implicações e relações causais com os outros elementos da filosofia ou da prática, impedindo a exploração de um ângulo diferenciado à interpretação realizada.

Ainda no mesmo capítulo, no sutra 26, encontrado mais à frente, é apresentada afirmação que reforça nosso sentimento de incômodo com a relação colocada entre discernimento e sofrimento. Barbosa tece um comentário sobre tal sutra, onde nos diz que *“este Sutra informa que o discernimento é o coração do método do Yoga, pois cria as condições adequadas para o kaivalya.”* (BARBOSA, 2015, pg. 89).

Ora, se o coração do método é o discernimento, ou a sua obtenção, segundo o autor isso equivaleria a, em última instância, estarmos buscando o sofrimento, como consequência da afirmação do sutra 15 deste capítulo, caso a relação fosse determinística e inescapável.

Vale ressaltar também a forma quase criptográfica da apresentação dos sutras pelo autor, sugerindo certa contaminação de seu estilo pelo estilo original do texto traduzido. Mesmo com seus textos introdutórios e as notas ao longo da tradução, Barbosa não esgota significados, não estende sua discussão, legando boa parte do entendimento à nossa capacidade de interpretação e nosso arcabouço de conhecimento específico e vivência.

6. TRADUÇÃO DE GLORIA ARIEIRA

Arieira traz em sua versão do trecho, objetivo de nosso estudo, como segue:

12. O reservatório de karma tem raiz nos klesas e deve ser vivenciado neste e nos nascimentos futuros.
 13. Enquanto existir a raiz, haverá a manifestação daqueles (karmas), [determinando] o nascimento, a longevidade e as experiências.
 14. Esses são os resultados satisfação ou sofrimento, pois são causados por mérito e demérito.
 15. Para a pessoa dotada de discriminação, tudo é definitivamente sofrimento, devido ao sofrimento que tem origem na tendência à ansiedade e natureza de constante mudança; e devido à oposição na expressão dos gunas.
- (ARIEIRA, 2017, pg. 113-116)

A autora explora mais detalhadamente o aspecto do sofrimento, interpretando a sua causalidade como implicação do apego ao desfrute da satisfação. O sofrimento em si já nos desagrada, mas as experiências de satisfação produzem a angústia pelo seu término, pois certamente cessarão de acordo com a temporalidade da existência.

Tal noção de ciclo entre experiências fica claro quando ela escreve:

Seja um sofrimento no início da experiência pela dificuldade de concretizá-la, ou, mesmo que no início haja prazer, um sofrimento no final, devido ao término da experiência prazerosa ou porque, no processo, a pessoa se cansou e se desinteressou. Como tudo muda constantemente, há sempre ansiedade com relação a mudanças indesejáveis e certo sofrimento pela oposição natural dos gunas, as características da natureza. (ARIEIRA, 2017, pg. 116-117)

Por sinal, neste caso há a menção de *certo sofrimento*, ou seja, não um sofrimento cabal, definitivo e inevitável, permitindo a esperança em uma solução para

evita-lo, a perspectiva de algum caminho para contorna-lo, ou ao menos a possibilidade de que ele seja minimizado, sem que produza a derrocada de todo esforço na construção de uma visão mais elevada.

Destaca-se a atenção dispensada por Aieira em ilustrar sua tradução com referências aos outros textos fundamentais, o Bhagavad Gita e os Vedas, demonstrando como os conceitos perpassam e interligam as principais fontes desta escola filosófica.

É bem verdade que as menções e digressões por outras fontes desvia a atenção do caminho principal, mas a análise cuidadosa deste conjunto de referências enriquece o entendimento, contribuindo para a ampliação do cenário registrado pelos sutras, ampliando o escopo de elementos de acesso ao seu contexto cultural e filosófico.

Em uma referência ao Bhagavad Gita, através de um texto mencionado pela autora, é possível compreender que a discussão se concentra nos aspectos da natureza material e assim não nos condena ao sofrimento em qualquer âmbito da existência:

Os contatos dos sentidos com os objetos trazem frio, calor, alegria e tristeza, são de curta duração e impermanentes, ó Kauteya, Arjuna. Ó Bharata, Arjuna, tenha tolerância com eles. (ARIEIRA, 2017, pg. 119)

É certo que Arjuna em sua condição e sua época possuía mais habilitação para lidar com o impermanente, distingui-lo daquilo que importa, e assim conseguir lidar, tolerar, as agruras da natureza material. Ainda que infinitamente menos capazes, podemos almejar o mesmo objetivo, mesmo sem alcançá-lo, mas sabendo que há uma maneira para atingi-lo.

O alerta é bem explícito nos comentários da autora, quando tratando do trabalho para o discernimento, ela nos diz:

O maior obstáculo ao conhecimento claro é, sem dúvida, a ignorância que só poderá ser removida por seu oposto, o conhecimento. Mas não é tão simples quanto pode parecer, pois a mente tem que estar preparada – deve ser capaz de focar, de analisar de forma imparcial e corrigir a antiga orientação de identidade do Eu, constituída a partir da ignorância e confusão acerca de si mesmo. (ARIEIRA, 2017, pg. 135)

Na discussão do sutra 2.25, Arieira menciona a eliminação do sofrimento, inclusive associando-o com, ou traduzindo-o como, klesha, trazendo um matiz diferente para a compreensão de seu significado:

Antes foi dito que klesha, o sofrimento, e sua causa, a ignorância, devem ser eliminados, heya. Hana é a eliminação do sofrimento e de sua causa, é a libertação do sujeito. Esta ocorre somente na eliminação da visão equivocada. (ARIEIRA, 2017, pg. 133)

Porém, mais relevante é o fato de que sua afirmação não coloca o sofrimento de forma inevitável, como condenação àqueles que alcançam compreensão, mas como uma possibilidade que deve e será combatida com o empenho fundamentado na adoção integral da prática do Yoga.

7. TRADUÇÃO DE B. K. S. Iyengar

Nesta interpretação dos Yoga Sutras, o autor utiliza uma abordagem interessante para discorrer sobre cada parte do texto, em dois momentos. Primeiro apresentando sequencialmente o que ele nomeia como “temas” dos quatro padas, uma análise do conteúdo de cada um daqueles trechos. Posteriormente, depois de analisar todo conjunto desta maneira, ele realiza a tradução propriamente dita, abordando cada parte na sua ordem, detalhando cada sutra e seu contexto.

Desta forma, significativo ganho de compreensão pode ser alcançado, pois o panorama mais amplo do sentido do texto é demonstrado, apontando direções pelas quais o tecido das ideias será tramado. Por exemplo, a perspectiva geral da condução do sadhana pada é bem caracterizado quando ele escreve:

Ele nos guia através de nossas fraquezas até a emancipação através da prática devota da yoga. Esse capítulo, que pode ser felizmente seguido para o benefício espiritual por qualquer um, é seu presente para a humanidade. (IYENGAR, 2002, pg. 42)

Fica assim clara a motivação do trecho onde o sutra deste estudo está inserido, um guia para libertação de nossas fraquezas, acessível para qualquer indivíduo que busca o aprimoramento. Logo abaixo, é possível também identificar a ideia de libertação do sofrimento, mote do questionamento que origina meu estudo, quando o autor nos diz que “quando esses três aspectos da kriyāyoga são seguidos com zelo e sinceridade, os sofrimentos da vida são superados e o samādhi é experienciado.” (IYENGAR, 2002, pg. 42).

É muito claro a menção da possibilidade de superar os sofrimentos da vida, permitindo ter esperança que ainda que estes permeiem toda a existência, o empenho sincero e dedicado é capaz de eximir o indivíduo de sua possível condenação.

A seção seguinte, no seu primeiro parágrafo já concede luz ao entendimento acerca do sofrimento, associando-o aos kleśas, também conhecidos como aflições, inerentes à experiência do mundo material:

Os kleśas (sofrimentos ou aflições) têm cinco causas: ignorância, ou falta de sabedoria e entendimento (avidyā), orgulho ou egoísmo (asmitā), apego (rāga), aversão (dveṣa) e medo da morte e apego à vida (abhiniveśa). (IYENGAR, 2002, pg. 42)

Sendo assim, as armadilhas deste mundo é que provocarão o desafio e caberá ao praticante seguir as orientações dos mestres, assim como enuncia o autor na seção “Como minimizar as aflições”, orientando que existe a possibilidade de escapar de um destino indesejável, afinal “Patañjali aconselha a imparcialidade em relação aos prazeres e dores e recomenda a prática de meditação para alcançar a liberdade e a beatitude.” (IYENGAR, 2002, pg. 43).

Então, depois de apresentar a visão mais ampla deste pada, no capítulo destinado a trabalhar na interpretação de sutra a sutra, o professor Iyengar verte para nossa contemporaneidade o texto ancestral com toda sua propriedade e influência cultural:

12. As impressões acumuladas das vidas passadas, enraizadas nas aflições, serão experimentadas na vida presente e nas futuras.

13. Enquanto a raiz das ações existir, ela fará surgir a classe de nascimento, a duração da vida e as experiências.

14. De acordo com nossas ações boas, más ou combinadas, a qualidade da nossa vida, sua duração, e a natureza do nascimento são experienciadas como prazerosas ou dolorosas.

15. O homem sábio sabe que devido às flutuações, as qualidades da natureza e as impressões subliminares, mesmo as experiências prazerosas são tingidas com angústia, mantendo-se afastado delas.

(IYENGAR, 2002, pg. 149-153)

Observo que em sua tradução não há menção da palavra sofrimento, mas ele utiliza a expressão “angústia”, claramente associada às aflições, bem como não utiliza a palavra discernimento, mas localiza a ação no “homem sábio” que conhece, distingue, a natureza daquilo que observa.

Neste contexto das aflições, na discussão dos primeiros sutras desta parte, ele já anuncia que é necessário atentar para o tema se procuramos eliminar tais angústias, inclusive deixando claro que se está diante de uma ação factível:

O sādharma deve aprender a localizar as fontes das aflições para ser capaz de cortá-las pela raiz através de seus princípios ióguicos e disciplinas (veja I. 8 viparyaya). (IYENGAR, 2002, pg. 143)

Assim, ao enfatizar a aflição com tema do combate na busca, além de definir mais os alertas, quais são os desafios, é possível notar que a discussão está voltada às metas e conquistas da vida espiritual, em purusa, e não no mundo material:

As aflições sutis começam com o apego à vida, movem-se na ordem reversa, contrária à evolução espiritual de II. 3 e terminam com a aflição grosseira, a ignorância. As aflições sutis devem ser superadas antes que elas conduzam a um problema pior. (IYENGAR, 2002, pg. 148)

Com o direcionamento construído, com relação às aflições, e as soluções propostas com a prática, aliados à discussão mais detalhada e aderente aos preceitos da filosofia, o sutra em questão ganha harmonia com as expectativas mais usuais dos praticantes.

8. TRADUÇÃO DE LILIAN CRISTINA GULMINI

A autora agrupa os sutras ao longo de sua tradução construindo grupos cujo significado compõem uma unidade de pensamento, mapeando para o leitor a conexão de conceitos mais complexos e apresentado um fluxo mais didático do discurso para a compreensão.

Além desta abordagem na organização, ela ilustra os conceitos com referências de outros textos pertencentes ao mesmo contexto cultural e filosófico, esclarecendo ricamente os aspectos abordados, seus papéis, suas interconexões e consequências.

No início de sadhana pada, ela anuncia a possibilidade de libertação, relacionando a ação do praticante com a prevenção das aflições, nos dizendo que “Pantanjali inicia a exposição delineando a disciplina necessária para que o yogin consiga vencer as chamadas “aflições”, klesha.” (GULMINI, 2002, pg. 213).

E mais à frente, no mesmo parágrafo, ela associa as aflições ao estado de experiência da natureza material, próprios da condição do estado da consciência em sua realização como indivíduo:

... assim também são denominadas “aflições” as causas mais sutis e “poderosas” que geram e suportam este movimentos, responsáveis pela própria permanência da consciência em estado de aprisionamento. (GULMINI, 2002, pg. 213)

Ela nos aponta e confirma que a busca do yogin é o discernimento, bem como o relaciona à principal das aflições, avidya, como efeito da perda do controle sobre essa capacidade desejada:

O yogin procura este saber especial, viveka, que só se manifesta com o silêncio da consciência, com vistas a erradicar seu estado de ignorância. Mas, com a manifestação ou movimento da consciência, esta discriminação se perde, e nasce a “ignorância”, avidya. (GULMINI, 2002, pg. 213)

Então, se chega ao conjunto de sutras tema deste trabalho, onde Gulmini produz a seguinte tradução, como segue:

12. O depósito das ações, enraizado nas aflições, deve ser vivenciado no nascimento visto e nos não-vistos.
13. Estando assim enraizada, tal maturação dos frutos das ações determina: condição de nascimento, duração e experiência de vida.
14. Estas possuem os frutos do deleite e do tormento, conforme sejam causadas pela virtude ou pelo vício.
15. Devido às dores causadas pelas impressões latentes e ao sofrimento decorrente das transformações, e em face da contrariedade dos movimentos dos aspectos fenomênicos, os sábios perspicazes podem constatar que, de fato, tudo é dor.
(GULMINI, 2002, pg. 225)

Aqui a palavra utilizada não é sofrimento, mas dor. No entanto, ao desenvolver a análise do trecho, a menção à dor não aparece. No lugar, ao que parece, são discutidas as aflições humanas, procurando discorrer sobre o mecanismo das encarnações desencadeado por elas. Uma perspectiva diferente sobre o tema dos sutras aqui agrupados.

Posteriormente, quase ao encerrar a discussão do conjunto, a autora associa o sofrimento ao esforço para lidar com o mecanismo mencionado, porém ainda concede esperança uma vez que sugere que a condição ocorrerá ao menos em suas etapas iniciais, ou seja, não é permanente e será superada com o aprimoramento do indivíduo:

Aquele que conhece os mecanismos de funcionamento de sua própria consciência adquire o poder de agir sobre ela, e de compreender suas respostas. Entretanto, o conhecimento capaz de gerar este poder de controle da consciência requer muito trabalho antes de ser alcançado, e durante o decorrer deste processo, ou ao menos em suas etapas iniciais, o yogin enfrentará muitos sofrimentos, “reações” contrárias de suas próprias impressões latentes ao que ele está tentando fazer, ou seja, dominá-las e extingui-las. (GULMINI, 2002, pg. 235-236)

E ainda termina apresentando concomitantemente o sofrimento e a necessidade de liberação, definindo a coexistência deste fatores na vida do praticante:

As transformações fenomênicas opõem-se à imutabilidade do ser incondicionado, e causam, por um lado, o “encantamento” fenomênico que gera a experiência de vida, e, por outro lado, o “desencantamento” que mostra, finalmente, seu sofrimento oculto e a necessidade da busca da liberação. (Gulmini, 2002, pg. 237)

Entretanto, apesar de sugerir encaminhar alguma solução, ou aprofundamento nos aspectos do sofrimento, sua menção à causalidade entre discernimento de dor é apenas uma afirmação de constatação do que Patañjali descreveu, sem avançar na discussão ou oferecer outras referências que possam elucidar o sentido ou sua conciliação com o conjunto de ideias anteriormente exposto:

No entanto, a conclusão de Patañjali nestes enunciados do Yogasūtra é a de que, em virtude destes mecanismos condicionados e condicionadores que regem as experiências fenomênicas, “os sábios perspicazes podem constatar que, de fato, tudo é dor.” (Cf. YS 2.15). (GULMINI, 2002, pg. 236)

Sendo assim, mesmo com um detalhamento maior no texto, ainda que com a apresentação de mais elementos para compor a contextualização das ideias, permanece a indefinição da relação entre dor e discernimento, ou ao menos as direções apontadas não encaminham respostas aderentes ao questionamento iniciado neste trabalho.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorar a leitura de diferentes interpretações pode melhorar ilustrar o sentido do sutra que despertou o questionamento, mas também mostra como a expressão deste sentido está revestida de muitas camadas. Cada autor traz sua experiência e cultura para a visão acerca do texto, o que não poderia esperar ser diferente, mas é interessante constatar.

Em nenhum dos casos a afirmação, a condenação ao sofrimento, sugerida em um primeiro contato, parece se confirmar, principalmente se levarmos em conta as outras tramas, outras costuras cerzidas pelo sutras associados que compõem o tecido do texto ancestral.

Nem tampouco a discussão desta relação entre discernimento e sofrimento se mostrou alvo das interpretações encontradas. Talvez não se destaque para os autores em meio a tantos outros aspectos presentes nos Yoga Sutas ou pode ser que a questão já esteja muito clara eles através de suas vivências e outros estudos.

Também é notável a diferença produzida no esclarecimento em cada abordagem, ora por traduções mais sucintas, quase sutras em outra língua, ora como o discorrer mais longamente, mais didático sobre o texto em questão. Cada qual tem seu valor, sua parcela em contribuir na provocação de questionamentos distintos e enriquecedores que complementam os matizes desta escola milenar.

A discussão não está no âmbito do mundo material, outra confusão constante produzida pela nossa impressão por estarmos nele inseridos, mas tem como meta um objeto transcendente, por isso menos acessível à nossa compreensão e nem por isso desmerecedor de nossa atenção e intenção.

No meu entendimento o sutra tema do trabalho mostra que para quem alcança o discernimento é perceptível que todos os elementos do mundo material podem ser causa de sofrimento, tudo dependerá de o quanto preparados estaremos para lidar com a existência. Este trabalho não se encerra nas amostras analisadas e novas fontes certamente contribuirão para nosso preparo e daqueles que se aventuram pelo caminho do Yoga.

É provável que o incômodo gerado pelo contato com o sutra, que originou a motivação para realizar o trabalho apresentado aqui, seja uma parte do sofrimento descrito, mas então será mais fácil aceitar a condenação, afinal ela se comprovou um excelente motor na busca de aprofundamento e aprimoramento no caminho da prática.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIEIRA, G. *O yoga que conduz à plenitude – O Yoga Sutras de Patanjali*, 2017
- BARBOSA, C. E. G. *Os Yoga Sutras de Patanjali*, 2015
- ELIADE, M. *Yoga, imortalidade e liberdade* / Palas Athena, 2012
- FOLETTTO, J. C. *Um modo de viver: a ética e a moral do Yoga* Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia, 2019
- GULMINI, L. C. *O Yogasūtra, de Patanjali – Tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos* Dissertação (mestrado) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002
- IYENGAR, B. K. S. *Luz sobre os Yoga Sutras de Patanjali*, 2002
- MAHARAJ, S. B. V. T. *Srimad Bhagavad-gita – O Tesouro Oculto do Doce Absoluto*, 2017
- TASSIS, T. P. *O Yoga do eterno retorno: Tempo e eternidade na tradição do yoga clássico*, Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018